

POTES E PEDRAS:
UMA GRAMÁTICA
DE MONUMENTOS
MEGALÍTICOS E
LUGARES NATURAIS
NA COSTA NORTE
DO AMAPÁ¹

João Darcy de Moura Saldanha²

Mariana Petry Cabral²

1_ Este artigo é uma versão ampliada daquele apresentado no Simpósio Monumentalidade nas Terras Baixas da América do Sul durante o XXIII Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB, em Belém, Setembro de 2009.

2_ Núcleo de Pesquisa Arqueológica – Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá.

RESUMO

Na costa do Amapá e da Guiana Francesa ocorreu o desenvolvimento de uma cultura pré-colonial que apresenta, como uma de suas características principais, a construção de monumentos megalíticos e a utilização de lugares naturais com formações rochosas, ambos utilizados para fins ritualísticos e/ou funerários. Embora diferentes em essência, estes tipos de sítios possuem uma estruturação similar dos depósitos, indicando que performances parecidas foram feitas em ambos os tipos de sítios, misturando elementos naturais e culturais em uma espécie de “gramática” semelhante que se utiliza de potes cerâmicos e pedras de granito ou laterita na construção de significados. Aqui apresentamos uma síntese do uso destes locais durante a pré-história tardia da região, procurando entender a natureza, forma e temporalidade das deposições de artefatos. A percepção da forma como estes grupos interagiram e modificaram a paisagem, ora de maneira bem visível, ora de forma sutil, contribui para discutirmos a construção de espaços sociais não-domésticos na Amazônia pré-colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia do Amapá; Megalitismo; Arqueologia dos Lugares Naturais.

ABSTRACT

On the coast of Amapá and French Guiana there was the development of a pre-colonial culture that has as one of its main features, the construction of megalithic monuments and use of natural places with rock formations, both used for ritualistic purposes and / or funeral . Although different in essence, both types of sites have a similar structure of the deposits, indicating that performances were similar in both types of sites, mixing natural and cultural elements into a kind of “grammar” which uses similar pots and stones construction of meanings. Here we present an overview of the use of these sites during the late prehistory of the region, trying to understand the nature, shape and temporal deposition of artifacts. The perception of how these groups interacted and changed the landscape, sometimes conspicuously, sometimes subtly, contributing to discuss the construction of non-household social spaces in pre-colonial Amazonia.

KEY-WORDS: Amapa Archaeology; Megalithism; Archaeology of Natural Places.

INTRODUÇÃO

A Arqueologia da Amazônia tem enfatizado, nos últimos anos, o papel central de monumentos e práticas ritualísticas no estudo da ocupação pré-histórica tardia da região (Schaan 2004; Barreto 2005; entre outros). O debate tem se focado na maneira em que a intensificação dos rituais e das alterações na paisagem – como formação de Terra Preta em grandes sítios (Petersen et al. 2001), construção de estradas e fossas (Heckenberger, 2005), *mounds* e sistemas hidráulicos (Schaan 2004), geoglifos (Schaan et al., 2007) e megalitos (Cabral & Saldanha, 2008) – está relacionada com aumentos na hierarquia sócio-política, crescimento populacional, territorialidade e ideologia. Estas mudanças são geralmente vistas como evidências de transformação de sociedades em pequena escala em formações sociais mais complexas, deno-

minadas na literatura arqueológica da região como “Cacicados” (Barreto, 2005)

A costa norte do Amapá e leste da Guiana Francesa (figura 01) foi o local de desenvolvimento de uma cultura pré-histórica caracterizada pela construção de monumentos megalíticos e a utilização de lugares naturais com formações rochosas, ambos utilizados para fins ritualísticos e/ou funerários. Embora diferentes em essência (lugares construídos x lugares naturais), estes tipos de sítios possuem uma estruturação similar dos depósitos, o que parece indicar que performances parecidas foram feitas em ambos os tipos de sítios, misturando elementos naturais e culturais em uma espécie de “gramática” semelhante que se utiliza de potes e pedras na construção de significados.

O presente texto apresenta uma síntese das práticas relacionadas com o uso de mo-

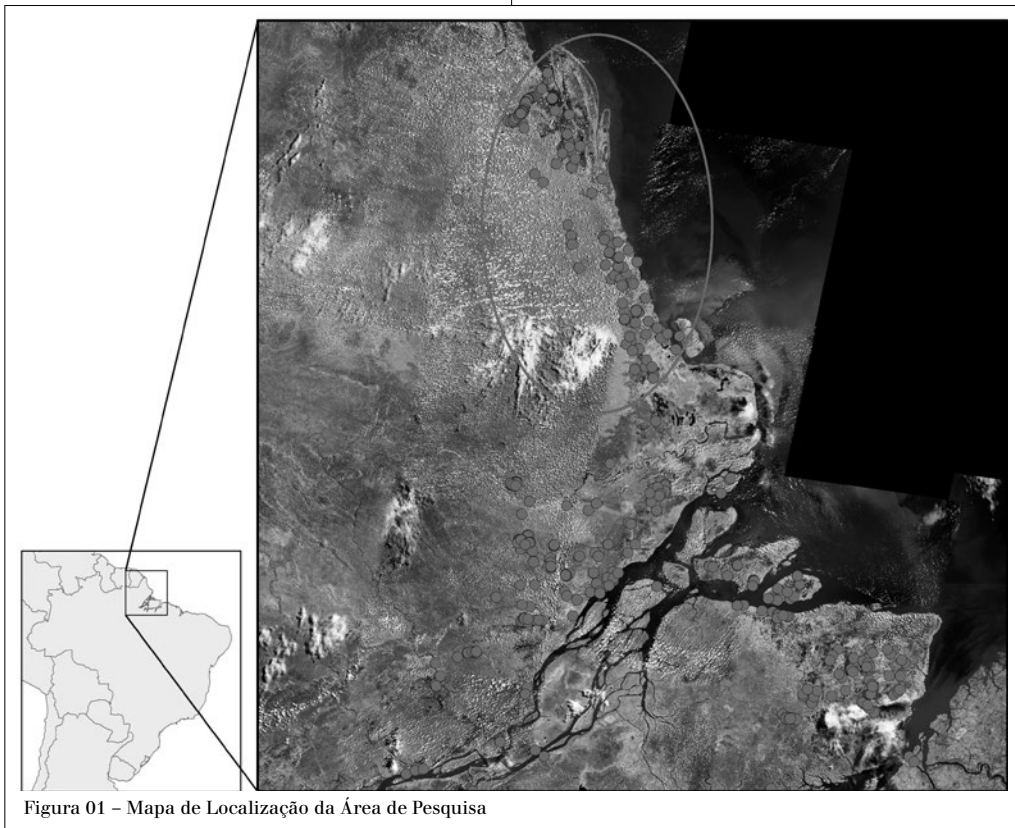


Figura 01 – Mapa de Localização da Área de Pesquisa

numentos e lugares naturais nesta região, baseada na literatura e recentes escavações realizadas em estruturas megalíticas, poços funerários e cavernas. O texto propõe mostrar as práticas ritualísticas performadas nestes sítios e ressaltar a falsa dicotomia entre lugares naturais e lugares construídos, contribuindo para discutirmos sobre a construção de espaços sociais não-domésticos na Amazônia pré-colonial.

A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA TARDIA NA COSTA DO AMAPÁ E DA GUIANA FRANCESA: A FASE ARISTÉ

Embora a cerâmica denominada como Aristé seja conhecida desde as explorações de Emílio Goeldi na costa norte do Amapá no final do século 19, foi somente após a publicação de Meggers e Evans (1957) e da tese de Stephen Rostain (1994) que uma melhor compreensão sobre esta cultura arqueológica foi alcançada.

A ocupação Aristé se estende ao longo da costa atlântica do Amapá, desde a foz do rio Amazonas, até o rio Approuague, já na Guiana Francesa. Datada a partir do século 2 D.C. e durando até o período colonial, esta fase possui uma grande duração, chegando a mais de 1000 anos.

Esta cultura arqueológica é caracterizada por um tipo específico de cerâmica, com incisões, pinturas policrômicas e modelagem antropo e zoomorfa, cerâmica esta encontrada em diferentes tipos de lugares.

Os sítios de habitação contendo cerâmica Aristé possuem tamanhos variados, mas nunca ultrapassando 10.000 m². Há casos de ocorrências de feições antrópicas nestes sítios, como fossas e caminhos, cuja natureza ainda não é totalmente compreendida (Green et al., 2003). A camada de ocupação não ultrapassa 50 cm, demonstrando pouca duração dos assentamentos (Rostain, 1994).

Os lugares mais impressionantes com

ocorrência da cerâmica Aristé são, certamente, os sítios cerimoniais/funerários. Estes tipos de sítios podem ser tanto monumentos quanto lugares naturais.

No primeiro caso temos a ocorrência de sítios megalíticos com poços funerários. A maior parte dos sítios megalíticos é formada pelo arranjo circular de grupos de blocos de granito em posições horizontal, vertical ou inclinada, dispostos no topo de colinas. Os tamanhos e composições são variáveis. Algumas estruturas são pequenas, com menos de 10 metros de diâmetro, formadas por blocos medindo menos de um metro. A maior estrutura megalítica circular até agora encontrada mede mais de 30 metros de diâmetro, sendo formada por grandes blocos, alguns deles com mais de 3 metros acima do nível do solo (Cabral & Saldanha 2008). No interior destes monumentos encontramos os poços funerários. Estes poços são estruturas cilíndricas com câmara lateral escavada na crosta laterítica, em cujo interior, vasilhas contendo ossos humanos são colocadas (Goeldi 1905).

Outro tipo de sítio cerimonial/funerário com ocorrência de cerâmica Aristé são cavernas ou abrigos rochosos, formados na crosta laterítica ou em afloramentos graníticos. Nestes casos, a cerâmica é encontrada distribuída na superfície das áreas abrigadas (Meggers e Evans 1957).

As datações radiocarbônicas mostram que o uso dos monumentos e lugares naturais são contemporâneos e coincidem com o florescimento de diferentes culturas regionais e com o aumento do número e tamanho dos sítios arqueológicos ao longo da bacia Amazônica e com uma profusão de diferentes estilos regionais (ver Mc Ewan et al. 2001; Barreto 2008), o que pode indicar uma relação entre seu uso e uma ocupação mais intensa da região durante a pré-história tardia (*circa* 1000 BP).

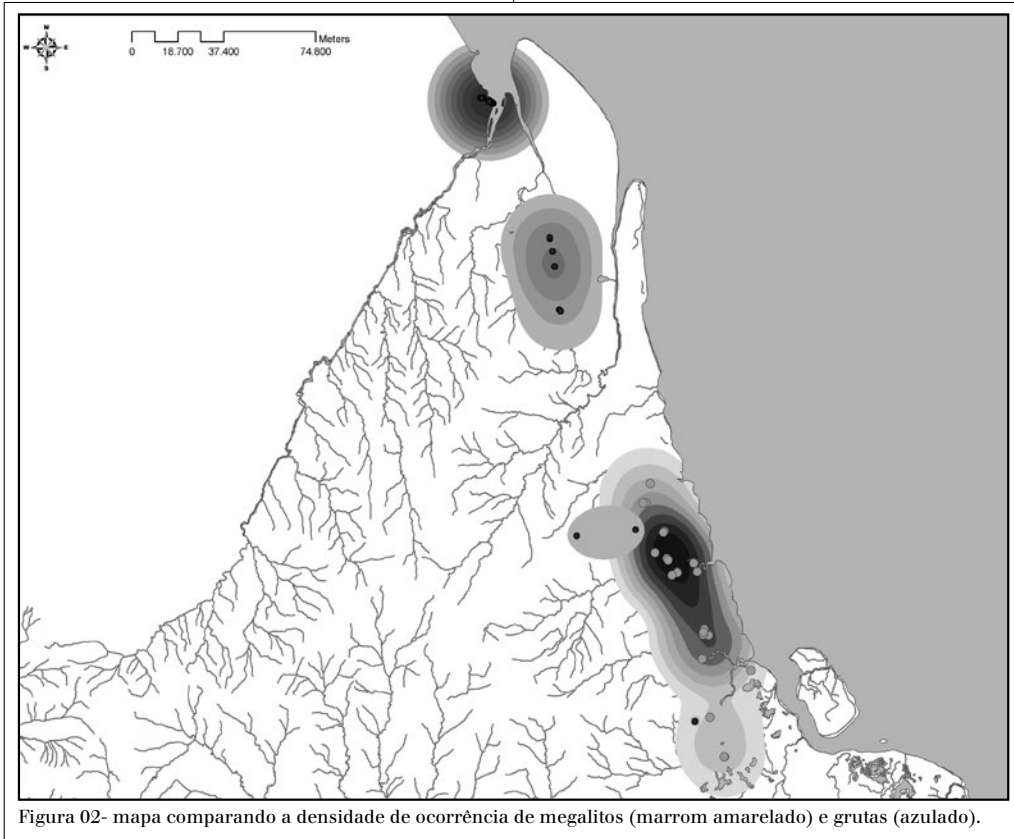


Figura 02- mapa comparando a densidade de ocorrência de megalitos (marrom amarelado) e grutas (azulado).

RE-ANÁLISE DOS DADOS

A re-análise da literatura e recentes escavações podem permitir uma renovada visão sobre o uso dos lugares não domésticos durante a pré-história tardia da região.

Diferentes equipes têm escavado os sítios da costa oeste da Guiana Francesa desde o final da década de 70, tanto sítios habitação quanto lugares funerários/cerimoniais da fase Aristé (Rostain 1994). Mais recentemente, as pesquisas na costa norte do Amapá têm aumentado com a realização de prospecções e escavações.

Vendo o mapa acima (Figura 02), fica óbvio que temos uma segregação espacial dos dois tipos de sítios cerimoniais/funerários na região: de longe, a maior concentração de lugares naturais (cavernas e abrigos) fica no entorno da bacia do rio Oiapoque, especialmente nas colinas de Ouanary, na

Guiana Francesa, enquanto os monumentos megalíticos estão densamente agrupados entre os rios Amapá e Cunani.

Mostraremos abaixo que, embora essencialmente diferentes, ambos tipos de sítios possuem uma estrutura muito parecida nos depósitos, o que pode indicar que performances sociais similares estavam ocorrendo neste diferentes tipos de sítios.

A PRÁTICA DA MONUMENTALIDADE: MEGALITOS E POÇOS

Megalitos e poços funerários (Figura 03) são referenciados na bibliografia desde o final do século 19 e início do século 20, com os trabalhos de Goeldi (1905) e Nimuendajú (2004). Apesar de reconhecidos desde esta época, foi só nos últimos anos que trabalhos de escavação intensivos foram realizados nestes tipos de estruturas.

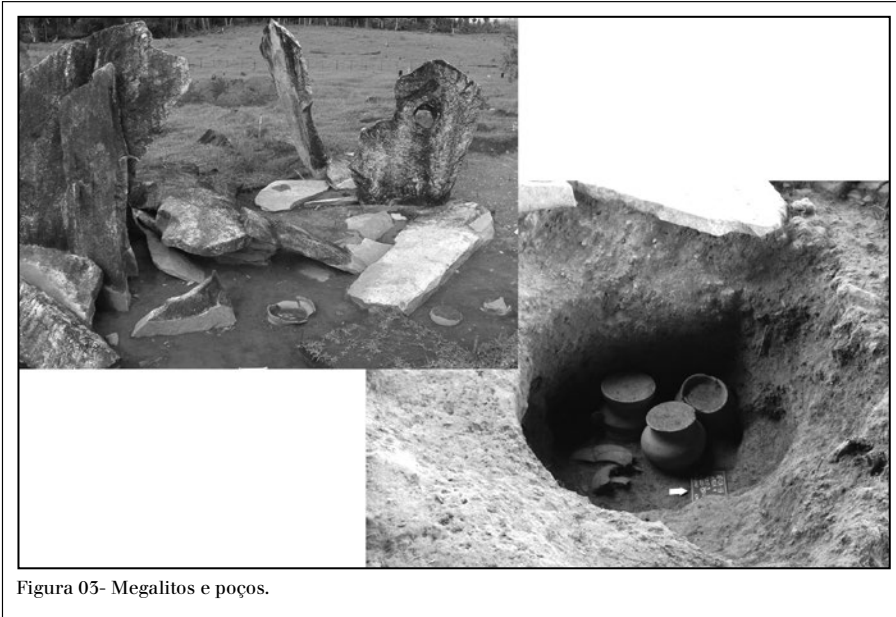


Figura 05- Megalitos e poços.

Um dos sítios intensamente escavados foi o sítio megalítico AP-CA-18: Rego Grande, localizado no município de Calçoene. As escavações deste sítio, que possui datações em torno de 1000 anos A.P.¹ mostraram uma grande intensidade de uso do monumento, com diferentes tipos de deposições no interior da estrutura.

Uma destas deposições é de vasilhas inteiras em fossas rasas, parcialmente escavadas na laterita estéril, e posteriormente forradas com fragmentos cerâmicos antes da deposição das vasilhas. Outras deposições são caracterizadas por densas concentrações de fragmentos cerâmicos, que sugerem deposições intensivas em alguns locais do sítio. Algumas destas deposições são bastante extensas, podendo chegar a mais de dois metros de diâmetro máximo e 30cm de espessura, enquanto outras são pequenas e restritas, dando a impressão de serem pequenos “*caches*” de fragmentos envolvidos em algum tipo de recipiente orgânico não

¹ Para o sítio AP-CA-18 existem seis datações radio-carbônicas: 1010±40 BP (BETA-255790), 910±40 BP (BETA-255789), 970±40 BP (BETA-255788), 930±30 BP (BETA-290840), 300±30 BP (BETA-290839) e 250±30 BP (BETA-290841).

preservado. As observações de campo e as remontagens em laboratório permitem afirmar que estes depósitos foram feitos com o material já fragmentado e misturado, e não vasilhas inteiras depositadas e posteriormente fragmentadas.

Vasilhas quebradas *in situ* também foram encontradas. Nestes casos, as vasilhas cerâmicas estavam diretamente relacionadas com monólitos em pé, como uma espécie de oferta, demonstrando seu caráter votivo. Foi notado que os fragmentos estavam fortemente erodidos, contrastando com outros fragmentos soltos encontrados no entorno, indicando a exposição das vasilhas às intempéries antes de sua fragmentação.

As escavações de quatro poços funerários mostraram diferentes temporalidades no uso destas estruturas: enquanto três deles foram certamente resultado de um só evento, com a deposição de urnas e acompanhamentos, outro poço foi re-utilizado, com sua abertura, remoção dos vasilhames originais, deposição de novas urnas e, finalmente, entulhamento do restante do poço com os fragmentos das urnas originais somados a outros vasos quebrados e conjuntos de fragmentos.

As escavações no sítio AP-CA-18 indicam que ele é formado por um palimpsesto de diferentes tipos de eventos ocorridos dentro do recinto megalítico.

Estes eventos podem ser assim descritos: diferentes tipos de deposição de cerâmica (ritualmente mortas, deposição de fragmentos, vasilhas inteiras colocadas aos pés dos monólitos); abertura de poços de diferentes tamanhos para deposição funerária e seu fechamento com blocos de rocha; reabertura destes poços e modificações do material no seu interior juntamente com novas deposições.

Poços e megalitos, desta forma, entrecruzam-se como espaços construídos e como espaços de transformação das paisagens. As atividades de visita e re-visita a estes monumentos, às vezes ao longo de centenas de anos, reforçam seu papel na construção e na manutenção das estruturas sociais que organizam estes grupos.

MONUMENTALIDADE PELA PRÁTICA: CAVERNAS E ABRIGOS

Cavernas e abrigos com a presença de cerâmica Aristé (Figura 04) têm sido reportados desde o trabalho de Nimuendajú entre os índios do Uaçá na bacia do rio Oiapoque (Stenborg 2004). Desde então, outras cavernas contendo cerâmica classificada como Aristé foram encontradas no Amapá (Meggers & Evans 1957) e Guiana Francesa (Rostain 1994). Estes sítios, juntamente com os poços com câmara lateral, foram considerados como uma característica diagnóstica da fase Aristé (Meggers & Evans 1957:157). A seguir exploraremos as principais características destes sítios.

Pelo menos dois tipos de grutas foram utilizadas para o uso cerimonial: abrigos de granito e cavernas na laterita. Em ambos casos, os tipos de deposição são as mesmas: vasilhas cerâmicas, às vezes inteiras, às vezes



Figura 04- grutas com deposições de cerâmica Aristé.

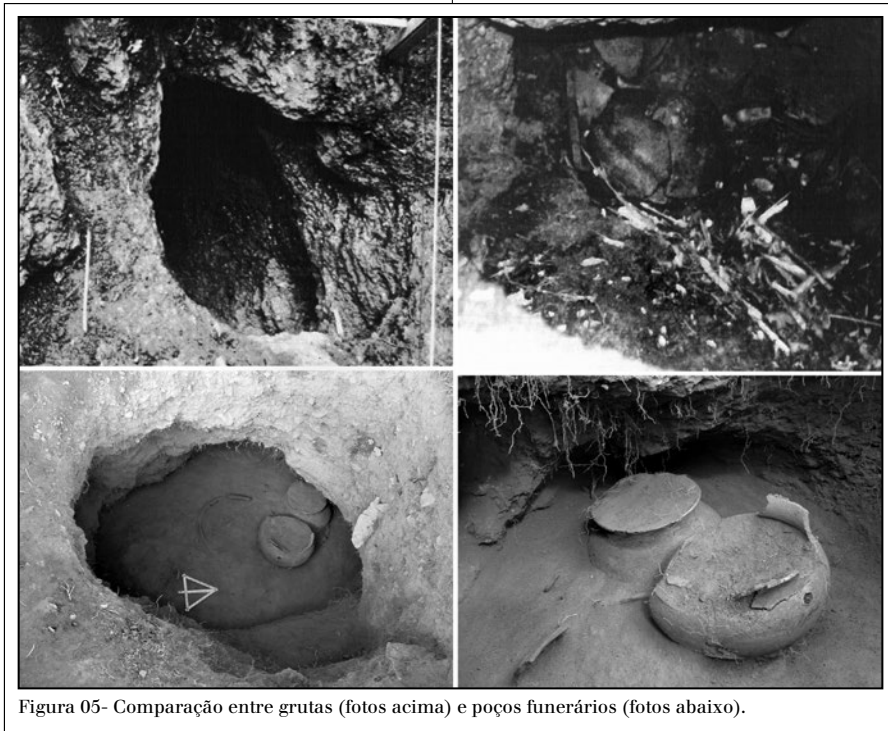


Figura 05- Comparação entre grutas (fotos acima) e poços funerários (fotos abaixo).

fragmentadas, sempre dispostas contra as paredes dos abrigos.

Trabalhos recentes foram por nós realizados no sítio Aragbus, localizado na bacia do rio Urucauá, dentro da Terra Indígena Uaçá, através de um projeto conjunto com os Palikur (do grupo Arawak), a antropóloga Lesley Green e o videografista David Green (a origem deste projeto e seus primeiros resultados podem ser encontrados em Green, Green & Neves [2003]). Aragbus é um grande conjunto de blocos graníticos formando vários abrigos, alguns contendo cerâmica. O sítio possui este nome, “Aragbus”, por conta de duas pedras em pé, próximas a abrigos rochosos, que os índios Palikur associam com a mira de um arcabuz. Apesar de seu formato extremamente sugestivo, são formações naturais e não megalitos.

Em Aragbus existem quatro abrigos sob-rocha contendo material arqueológico em superfície. O maior e com mais alta densidade de artefatos circunda um grande

bloco granítico e foi denominado “Abrigo 1”, cuja superfície abrigada é de cerca de 21x14 metros. Ao sul deste primeiro abrigo, existe um menor, que mede 8x4 metros, formado por uma placa encostada a um grande bloco, tendo sido denominado “Abrigo Himeket”. O denominado “Abrigo 2” está localizado a oeste das pedras Aragbus, sendo o menor de todos abrigos que continham material, medindo 6x2 metros. O denominado “Abrigo 3” está mais afastado dos outros abrigos, localizado ao norte do conjunto, medindo 10x4 metros. Todos os abrigos contêm cerâmica em superfície. No entanto, parece haver uma diferenciação funcional entre os abrigos. Enquanto o abrigo Himeket possuía uma clara deposição funerária, com presença de urnas e ossos humanos, os demais abrigos pareciam ser deposições de vasilhames, possivelmente com caráter votivo, devido à natureza não-doméstica da cerâmica (vasilhames muito decorados, ausência de marcas de uso). Duas datações atestam a

longa duração de uso de Aragbus, indo desde o século 12 até o século 15 D.C².

Outras grutas bem conhecidas arqueologicamente localizam-se nas colinas de Ouanary, na Guiana Francesa. Todas são recessos formados na carapaça laterítica. Alguns abrigos são claramente funerários, contendo urnas e ossos humanos. Outros, devido à natureza dos próprios abrigos (com poucas condições de habitabilidade) e da cerâmica presente (altamente decorada e sem marca de uso) foram identificados como cerimoniais, e localizam-se próximos aos abrigos funerários (Rostain 1994).

Da mesma forma que os poços funerários, estas grutas mostram diferentes temporalidades no seu uso: enquanto umas estão intactas e sugerem um único evento de deposição, outras são formadas por uma grande deposição de fragmentos de urnas juntamente com poucas peças inteiras, sugerindo reutilização, com a destruição intencional das urnas antigas e deposição de novas urnas no abrigo.

Como no caso dos megalitos e poços artificiais, também estes lugares naturais atestam uma prolongada relação com os grupos indígenas que os utilizavam, indicando que as práticas de visitas e re-visitas perduraram por um longo período e por uma extensa área.

DISCUSSÃO: MORFOLOGIA, CONTEÚDOS, DEPOSIÇÕES

A descrição acima dos diferentes sítios cerimoniais/funerários com cerâmica da fase Aristé fornece os subsídios para a compreensão do uso destes espaços. A seguir comparamos ambos conjuntos de sítios, comparação que se centrará na morfologia dos locais escolhidos para deposição, no conteúdo dos depósitos e nas evidências de manipulação dos conteúdos.

.....
2_ Para o sítio Aragbus temos duas datações radiocarbônicas: 600±40 BP (BETA-255787) e 840±40 BP (BETA-255786).

Quanto à morfologia, os próprios abrigos graníticos, apesar das diferenças no tamanho dos blocos, sugerem uma forte lembrança dos sítios megalíticos. Os blocos sobrepostos, apoiados uns sobre os outros, certamente serviram de inspiração na construção dos monumentos megalíticos. Também as cavernas na laterita lembram fortemente os poços funerários, na medida em que suas entradas se dão por um acesso superior, que desemboca em uma câmara natural, onde são depositadas as peças.

Os conteúdos são também praticamente os mesmos encontrados em ambos conjuntos de sítios: vasilhas ricamente decoradas, algumas com características antropomórficas, utilizadas para deposição de restos ósseos misturados com sedimento.

As deposições também são praticamente as mesmas: lado a lado com as deposições funerárias, há evidências de outras deposições que não sugerem atividades domésticas comuns, sendo interpretadas como possivelmente de caráter votivo ou cerimonial.

Há também a semelhança na temporalidade e evidência de manipulação das deposições. Ambos tipos de sítios possuem evidências de um largo período de uso. Ambos também exibem eventos de deposição única ao mesmo tempo em que existem re-arranjos das deposições em outros sítios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os atuais debates sobre a escala dos sítios arqueológicos na Amazônia pré-colonial, devido à natureza dos argumentos utilizados, contrapõem fortemente natureza e cultura. Eles sugerem que esta mudança de escala, da mesma forma que na pré-história europeia, distanciasse mundo natural de mundo cultural. Neste artigo nós propomos uma reflexão em outro sentido, e sugerimos que – para o caso da costa do Amapá e da

Guiana Francesa – esta separação entre natureza e cultura não é evidente.

Nós comparamos deposições cerimoniais em dois conjuntos bastante distintos de sítios: de um lado as estruturas megalíticas contendo poços funerários, que são transformações nítidas da paisagem; de outro as cavernas e abrigos, lugares naturais já presentes na paisagem. Apesar das claras diferenças estruturais entre eles, o que observamos é a repetição de performances, resultando em registros arqueológicos bastante similares, o que reforça uma complementaridade entre esferas que – dentro do pensamento moderno ocidental – são consideradas opostas. Natureza e cultura, neste contexto, não servem como modelo explicativo, o que nos fez buscar por outras explicações possíveis. E o chamado Perspectivismo Ameríndio, uma designação cunhada por Eduardo Viveiros de Castro (1998) para descrever uma ontologia comum ao pensamento indígena amazônico, tem sido um modelo bom para pensarmos a arqueologia dessa região. Ao contrário do pensamento moderno ocidental, esse pensamento indígena não prevê a separação entre natureza e cultura, o que nos abre – na Arqueologia – a possibilidade de explicarmos o passado pré-colonial da região a partir de outra lógica. É esse o exercício que tentamos fazer aqui. *SB*

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, C. 2005. Social complexity and inequality in ancient Amerindian societies: perspectives from the Brazilian Lowlands. Centre for Brazilian Studies, Universidade de Oxford, Oxfor, UK. Working Paper Number CBS-63-05: 1-31.

BARRETO, C. 2008. Meios Místicos de Reprodução Social: Arte e Estilo na Cerâmica Funerária da Amazônia Antiga. Tese de Doutorado, USP.

CABRAL, M. P. & SALDANHA, J. D. M.. 2008. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. Revista da SAB 21:9-26.

GOELDI, E. 1905. Excavações Archeologicas em 1895. 1ª parte: As Cavernas funerarias atificiaes dos indios hoje extinctos no

rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. Memórias do Museu Goeldi:1-45+estampas.

GREEN, L. F., GREEN, D. R., & NEVES, E. G.. 2003. Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá. *Journal of Social Archaeology* 3:365-397.

HECKENBERGER, M. J. 2005. *The Ecology of Power: culture, place and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000*. New York, Routledge

MCEWAN, C., BARRETO, C. & NEVES, E.(Ed.), 2001. *The unknown Amazon. Nature in culture in ancient Brazil*. London: British Museum Press.

MEGGER, B. J., & EVANS, C., 1957. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology* 167:1-664.

NIMUENDAJÚ, C. 2004. "In Pursuit of a Past Amazon - Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region," in *In Pursuit of a Past Amazon - Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* by Curt Nimuendajú: A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg, vol. 45. Editado por P. Stenborg. Goteborg: Ethnological Studies.

PETERSEN, J. B., NEVES, E. G., & HECKENBERGER, M., 2001. "Gift from the Past: Terra Preta and Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia," in *Unknown Amazon*. Editado por C. McEwan, C. Barreto, & E. G. Neves. London: British Museum Press.

ROSTAIN, S. 1994. *L'Occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral de Guyane*. Tese de Doutorado, Universidade de Paris I, França.

SCHAAN, D. P., 2004. *The Camutins Chiefdom: Rise and development of social complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Tese de Doutorado, University of Pittsburgh,

SCHAAN, D. P., RANZI, A. & PÄRSSINEN, M. (orgs) 2007. *Arqueologia da Amazônia Ocidental: os geoglifos do Acre*. Belém, Universidade Federal do Pará.

STENBORG, P. 2004. *In Pursuit of a Past Amazon - Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region* by Curt Nimuendajú: A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg. Vol. 45. Ethnological Studies. Goteborg.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios*. Cosac Naif. São Paulo.